



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO DELTA DO PARNAÍBA – UFDPar CAMPUS
MINISTRO REIS VELLOSO – CMRV CURSO DE LICENCIATURA EM
PEDAGOGIA**

MILLA RAIZANE GOMES DE ARAÚJO

**A IMPORTÂNCIA DA ESCUTA E ACOLHIMENTO NA ESCOLA PÚBLICA: O
PAPEL DO PROFESSOR FRENTE À SAÚDE MENTAL INFANTIL
PARNAÍBA 2026**

MILLA RAIZANE GOMES DE ARAÚJO

A IMPORTÂNCIA DA ESCUTA E ACOLHIMENTO NA ESCOLA PÚBLICA: O PAPEL DO PROFESSOR FRENTE À SAÚDE MENTAL INFANTIL

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), como um dos requisitos necessários para a conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAr.

Orientador: Profº. Dr. Cleidivan Alves dos Santos.

PARNAÍBA 2026 MILLA RAIZANE GOMES DE ARAUJO

**A IMPORTÂNCIA DA ESCUTA E ACOLHIMENTO NA ESCOLA PÚBLICA: O
PAPEL DO PROFESSOR FRENTE À SAÚDE MENTAL INFANTIL**

APROVADO EM: 20 / 07 / 2026

BANCA EXAMINADORA

Profº. Dr. CLEIDIVAN ALVES DOS SANTOS – UFDPAr Orientador

Profª. Dra. KELLY CRISTINA VAZ DE CARVALHO MARQUES - UFDPAr Examinadora

**Profª. Dra. MARIA PATRÍCIA DE FREITAS LEMOS - UFDPAr
Examinadora**

PARNAÍBA 2026

Dedico...

A Deus, pelo sonho realizado.

Ao meu pai, Francine Araujo (*In Memoriam*), dedico minha eterna gratidão e saudade. Seu amor e seus ensinamentos permanecem vivos em meu coração. Pai, a sua bombonzinho se formou! Espero que, onde estiver, sinta o quanto seu amor continua vivo em mim. Esta conquista também é sua, pois foi construída sobre os valores que você me ensinou.

À minha mãe, Marlete Araujo, expresso todo meu amor e gratidão. Mulher guerreira, você foi meu porto seguro e meu maior exemplo de coragem, fé e perseverança. Obrigada por cada oração e por nunca deixar que eu desistisse. Mãe, a sua princesa também se formou! Esta vitória é nossa, construída com sua dedicação. Amo você infinitamente.

À minha irmã, Inessa Amancio, agradeço pelo amor, companheirismo e por caminhar ao meu lado. Mesmo diante das turbulências da vida, nosso vínculo permaneceu forte. Sou profundamente grata por ter dividido com você tantos momentos e, agora, esta conquista tão especial.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, que nunca me abandonou. Nos momentos mais difíceis, foi Ele quem me sustentou, fortaleceu minha fé e transformou minhas lágrimas em força e meu sonho em realidade. Se hoje concluo esta etapa, é porque Sua graça esteve presente em cada passo. Toda honra e toda glória sejam dadas a Ele.

Ao meu orientador, Professor Dr. Cleidivan Alves dos Santos, expresso minha sincera gratidão pela dedicação, paciência e pelos valiosos ensinamentos. Sua competência e incentivo foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa e para meu crescimento acadêmico. Obrigada por acreditar no meu potencial.

Agradeço a todos os professores do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), pelos conhecimentos compartilhados.

Às professoras que participaram da pesquisa de campo, minha profunda gratidão pela disponibilidade e colaboração essencial para a realização deste estudo.

Minha trajetória foi marcada por desafios e perdas que pareciam impossíveis de superar, mas cada obstáculo fortaleceu minha fé e contribuiu para a mulher e futura pedagoga que me tornei. Olho para trás com gratidão por tudo o que vivi, sabendo que Deus nunca abandona aqueles que confiam n'Ele.

À Prof^a. Dra. Kelly Cristina Vaz de Carvalho Marques e à Prof^a. Dra. Maria Patrícia Freitas de Lemos, integrantes da banca examinadora, expresso minha profunda gratidão. Agradeço pela leitura atenta, pelo tempo dedicado à avaliação deste estudo e pelas valiosas contribuições e correções que, sem dúvida, elevarão o nível técnico e científico desta pesquisa.

Por fim, agradeço a todos que fizeram parte desta caminhada. Um agradecimento especial às minhas amigas Ana Priscila, Nara Rios, Nicole Cristine e Thamis Lorena, que compartilharam angústias, risadas e o apoio mútuo que tornou esta jornada possível.

A IMPORTÂNCIA DA ESCUTA E ACOLHIMENTO NA ESCOLA PÚBLICA: O PAPEL DO PROFESSOR FRENTE À SAÚDE MENTAL INFANTIL¹

Milla Raizane Gomes de Araujo – UFDPAr/CMRV²
milla.raizane.mr@gmail.com

RESUMO:

Esta pesquisa aborda a importância da escuta e do acolhimento na escola pública, tendo como objeto e objetivo geral compreender esses elementos frente à saúde mental infantil. Os objetivos específicos buscaram identificar essas práticas, analisar suas contribuições, refletir sobre os desafios docentes e discutir a formação de professores. Metodologicamente, trata-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa, realizado por meio de questionário com três professoras da Educação Infantil pública, cujos dados foram examinados via Análise de Conteúdo de Bardin (2011). O referencial teórico contou com autores fundamentais como Murray (1967), Costantino (2003), Nunes (2009), Santana (2010), Mello e Rúbio (2013), Vieira, Ramos e Rosário (2016), Löffler e Fleig (2019) e Freire (2005). Os resultados indicam que as participantes reconhecem a escuta e o acolhimento como práticas indispensáveis para criar um ambiente escolar seguro, afetivo e humano. Contudo, apontaram barreiras marcadas pela sobrecarga de trabalho, superlotação das salas, altas demandas burocráticas e falta de formação continuada voltada ao campo socioemocional. Conclui-se que a promoção da saúde mental infantil exige uma responsabilidade compartilhada entre escola, família e gestão. Torna-se urgente o investimento público na valorização docente, na melhoria das condições de trabalho e na oferta de capacitações específicas, consolidando uma proposta pedagógica diária baseada no respeito, na empatia e na valorização da infância.

PALAVRAS-CHAVE: escuta; acolhimento; saúde mental infantil; educação infantil; formação docente.

ABSTRACT:

This research addresses the importance of listening and welcoming in public schools, aiming to understand these elements in relation to children's mental health. The specific objectives sought to identify these practices, analyze their contributions, reflect on teaching challenges, and discuss teacher training. Methodologically, this is a

¹ Artigo produzido como um dos requisitos necessários para a conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr) – Campus Ministro Reis Velloso (CMRV), orientado pelo Profº. Dr. Cleidivan Alves dos Santos (cleidivan@ufdpar.edu.br).

² Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr) - Campus Ministro Reis Velloso (CMRV).

descriptive study with a qualitative approach, conducted through a questionnaire with three public Early Childhood Education teachers, whose data were examined via

Bardin's Content Analysis (2011). The theoretical framework included fundamental authors such as Murray (1967), Costantino (2003), Nunes (2009), Santana (2010), Mello and Rúbio (2013), Vieira, Ramos and Rosário (2016), Loffler and Fleig (2019), and Freire (2005). The results indicate that the participants recognize listening and welcoming as indispensable practices for creating a safe, affective, and humane school environment. However, they pointed out barriers marked by workload overload, overcrowded classrooms, high bureaucratic demands, and a lack of continuing education focused on the socio-emotional field. It is concluded that the promotion of children's mental health requires a shared responsibility among school, family, and management. Public investment in teaching appreciation, improvements in working conditions, and the offer of specific training is urgently needed, consolidating a daily pedagogical proposal based on respect, empathy, and the valuation of childhood.

KEY WORDS: listening; welcoming; child mental health; early childhood education; teacher training.

1 INTRODUÇÃO

A saúde mental infantil está sendo um dos temas bastante abordados nas discussões educacionais, especialmente no contexto das escolas públicas, espaço esse, onde as crianças vivem diariamente diferentes situações sociais, emocionais e familiares. Os desafios enfrentados diariamente pelas famílias e as demandas emocionais presentes no cotidiano escolar evidenciam a necessidade de uma educação que sirva para além de uma transmissão de conteúdos e considere o bemestar emocional dos estudantes. Nesse contexto, a escola tem um papel fundamental nessa troca de relações acolhedoras, sendo assim capaz de favorecer o desenvolvimento integral das crianças.

O professor nesse contexto vai exercer uma posição privilegiada por acompanhar as crianças diariamente dos estudos, podendo identificar sinais de sofrimento emocional, dificuldades de aprendizagem, socialização e afetivas. Dessa forma, práticas de escuta e acolhimento tornam-se importantes para a construção de um ambiente escolar mais humano, inclusivo e seguro.

Apesar de o acolhimento afetivo ser muito importante, na prática existe uma grande falta de preparação dos profissionais da educação para lidar com o sofrimento emocional das crianças. A maioria das universidades foca apenas em como ensinar

os conteúdos das matérias, deixando de lado o debate sobre o lado emocional. Por causa disso, muitos professores se sentem perdidos e sobrecarregados quando precisam enfrentar situações de ansiedade, isolamento ou agressividade na sala de aula. Diante disso, discutir a importância da escuta também exige pensar na necessidade urgente de cursos de formação continuada e de um apoio real das escolas para esses docentes.

Considerando essa realidade surge o seguinte problema de pesquisa: de que maneira o acolhimento e a escuta realizados pelos professores da escola pública influenciam a saúde mental das crianças e contribuem para seu desenvolvimento e permanência no ambiente escolar?

Diante dessa problemática, esta pesquisa tem como objetivo geral compreender a importância da escuta e do acolhimento na escola pública, destacando o papel do professor frente à saúde mental infantil. Para alcançar esse propósito, busca-se identificar práticas de escuta e acolhimento realizados pelos professores no cotidiano escolar; analisar como essas práticas podem contribuir para a saúde mental e emocional das crianças; refletir sobre os desafios enfrentados pelos docentes no acolhimento das necessidades emocionais dos estudantes; e discutir a relevância da formação docente para lidar com questões relacionadas à saúde mental infantil. Assim, espera-se contribuir para a reflexão das práticas pedagógicas voltadas para as necessidades emocionais dos estudantes e para o fortalecimento de uma educação voltada para o desenvolvimento integral da criança.

Metodologicamente, trata-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa, realizado por meio da aplicação de questionário com três professoras da Educação Infantil pública. Os dados obtidos foram analisados sob a perspectiva da Análise de Conteúdo de Bardin (2011), buscando fundamentar a discussão no diálogo entre a prática docente e o referencial teórico.

A saúde mental infantil é um tema cada vez mais crescente nas discussões educacionais, especialmente no contexto da escola pública, onde crianças convivem todos os dias com diferentes realidades sociais e emocionais e isso acarreta que ela aprende e observa e tenta colocar em prática tudo o que ela vê, escuta e sente, pois no processo disso, a criança um é ser em constante construção e a saúde mental dela às vezes é deixada de lado, portanto, devemos dar a devida importância para esse tema.

O professor por estar diariamente com os alunos, exerce um papel fundamental na escuta e acolhimento das necessidades emocionais das crianças, ele sendo muitas vezes o primeiro adulto capaz de identificar sinais de mal-estar, dor, felicidade, sofrimento e tristeza. Analisar esse tema é relevante não apenas para compreender como esse acolhimento pode influenciar na vida escolar das crianças, mas também melhorar as práticas pedagógicas para um ambiente mais humanizado, favorecendo o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos.

Além disso, esta pesquisa parte do ponto que necessita dessas reflexões sobre a necessidade de formação dos professores para lidar com aspectos emocionais dos estudantes, assim o professor e os alunos criam um espaço de cuidado e de melhorias para a saúde mental das crianças. Como muitos docentes não são devidamente preparados para trabalhar corretamente com a saúde mental das crianças, a ausência de preparo sobre esse tema, às vezes falam-se sobre ele de forma muito superficial e isso acaba gerando professores despreparados para cuidar ou prestar atenção naquelas crianças precisam de ajuda e apoio para enfrentar esse problema.

2 SAÚDE MENTAL INFANTIL NA ESCOLA PÚBLICA: PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE O CUIDADO, A ESCUTA E A PRÁTICA DOCENTE

Compreender a importância da escuta e do acolhimento na escola pública demanda pensar sobre diferentes aspectos relacionados à saúde mental infantil e ao papel do professor nesse processo de ensino. Dessa forma, os tópicos a seguir abordam discussões teóricas que contribuem para o estudo do assunto em questão, debatendo a saúde mental das crianças, a escola pública como espaço de cuidado emocional, a relevância da escuta e do acolhimento no contexto escolar, bem como os desafios da atuação e formação docente diante das demandas emocionais presentes no cotidiano educacional.

2.1 Saúde mental infantil

A saúde mental infantil está ligada ao bem-estar emocional, psicológico e social da criança, isso influencia no desenvolvimento cognitivo, em como a criança vai aprender a lidar com situações que a vida social exige, por isso é de suma importância essa observação nos primeiros anos de vida da criança e no seu desenvolvimento no

espaço escolar. A infância é marcada por intensas transformações, como dito antes, afetando a qualidade de vida das crianças e com isso, o estudo sobre a saúde mental infantil torna-se indispensável, uma vez que favorece a capacidade da criança de estabelecer relações, enfrentar desafios, facilitar em como a criança consegue falar seus sentimentos, tristezas, mas também, melhorar o cotidiano na sala de aula, tornando a criança competente para estar no mundo e pertencer a ele de acordo com (Amstalden, Hoffmann, & Monteiro, 2010; OMS, 2001).

Entende-se que a saúde mental infantil exige considerar todos os fatores capazes de influenciar o bem-estar das crianças. A realidade das crianças está ligada ao desenvolvimento, ela está ligada a partir de como as crianças interagem com o meio que ela está inserida, pois existem vários cotidianos, o aluno pode ter uma vida conturbada ou não, isso também tem que ser visto e analisado. O contexto que ela está inserida tem influência significativa sobre o equilíbrio emocional da criança, na família, escola e social, esses fatores têm sido apontados o quanto pode ser prejudicial para a aprendizagem e evolução dela (Cid; Matsukura, 2014; Rutter *et al*, 2006).

É importante ressaltar que ambientes podem sim influenciar a saúde da criança, lugares criados por relações afetivas saudáveis, apoio familiar e oportunidades de desenvolvimento favorecem a construção da autonomia, autoestima da criança entre outras habilidades. Agora quando as situações familiares têm muitos conflitos, negligência, violência, isso pode comprometer o emocional da criança, dificultar o processo de aprendizagem e pode aumentar as dificuldades que o aluno talvez já apresente. Dessa forma, identificar esses fatores iniciais para a professora conseguir implementar estratégias para ajudar na saúde mental infantil.

Lipp, Arante, Brito e Witzig (2002) destacam que na escola é o espaço que se destaca por ser um dos principais espaços de convivência, socialização e desenvolvimento da criança. É nesse ambiente que ela aprende novas relações, aprende a lidar com regras e constrói sua identidade. Torna-se evidente que o cuidado da saúde mental infantil deve ser tratado com uma responsabilidade compartilhada com a escola, família e profissionais especializados no desenvolvimento infantil. A escola é o espaço onde a criança passa a maior parte do seu tempo, por isso que lá é um dos locais se vê os primeiros sinais de sofrimento, frustrações e implementar ações que ajudem o professor a construir um ambiente acolhedor e inclusivo.

2.2 Escola pública e cuidado emocional das crianças.

A saúde mental vem ganhando voz nos espaços educacionais, sabemos o quão importante é uma mente saudável para a construção de novos saberes, habilidades e desenvolvimento. De acordo com o Instituto de Pesquisa e Ensino (Pensi, 2024), é na escola que aprendemos a lidar com as frustrações, a melhorar nossa autoestima, a fazer ciclos de amizade, é nela que vem nossas primeiras experiências com a vida social e também os problemas como bullying, pressão acadêmica e isso para a criança é tudo muito novo, o que torna importante não negligenciar a saúde mental delas, acolhendo-as, desde a creche ao fim da vida acadêmica.

Pode ter uma certa dificuldade no começo, pois o diálogo nem sempre é fácil, entender certos sentimentos, compreendê-los requer essa abertura para a criança expressá-los. Principalmente com a tecnologia sendo usada erroneamente, pois alguns pais substituem esse precioso tempo com as crianças, para desenvolver essa rotina do diálogo, essa troca de experiências, com o silêncio de ambas as partes, pois os pais ficam em um canto e as crianças na tela de computadores, tablets e outros objetos eletrônicos.

Esse cuidado também deve ser institucional, não jogando a responsabilidade para os professores, mas tendo apoio de projetos pedagógicos, gestão e redes de apoio. Como sabemos a realidade das escolas públicas, alguns professores sofrem com o estresse do cotidiano escolar, sobretudo em regiões mais desfavorecidas segundo (Fisher, 2011; Karimzadeh et al, 2012; Richards, 2012; Schussler et al., 2016). Nesse sentido, compreender o cuidado com a saúde mental, como uma responsabilidade coletiva implica que a instituição deve olhar também para os professores e não só para as crianças. A gestão escolar, junto com a equipe pedagógica e das redes de apoio devem elaborar essas estratégias, que mostram a eficácia de uma instituição acolhedora e que saiba como enfrentar as demandas emocionais presentes no cotidiano escolar.

Segundo Amado *et al*, (2016); Freire *et al*, (2012); Ribeiro, (2010), o professor precisa de uma formação continuada, pois é fundamental para ampliar as competências socioemocionais dos professores e qualificá-los para lidar com as demandas do cotidiano escolar. Ao participar dos processos formativos que abordem a educação emocional e a saúde mental das crianças, o docente passa a ter um leque de práticas e métodos eficazes para as necessidades de cada aluno. Como já

mentionado, isso é só um dos vários passos necessários para uma instituição apropriada para as crianças, pois é esperado que a gestão e a família também ajudem no decorrer da vida dos alunos, envolvendo projetos e uma rede de apoio especializada.

Goleman (1995) e Neuroconnect (2026), evidenciam que a emoção pode ser definida como um sentimento e seus pensamentos distintos, que envolve estados psicológicos e biológicos propulsores de ações diversas. Goleman (1995), ainda reforça que as emoções têm um papel fundamental na forma em como o indivíduo percebe o mundo, tomam decisões e se relacionam com outros em sua volta. Nesse sentido, o desenvolvimento emocional na infância representa um processo fundamental para a formação de sua personalidade, relações e da sua capacidade de aprendizagem. As primeiras experiências influenciam na forma como a criança vai lidar com desafios, frustrações e interações sociais, refletindo assim no seu desenvolvimento escolar.

As crianças que aprendem a reconhecer melhor seus sentimentos e entender suas emoções de maneira saudável tendem a ter um melhor autocontrole, empatia e melhor convivência no âmbito escolar. Quando essas competências são trabalhadas desde cedo, cria-se uma base sólida para essa criança, trazendo esse equilíbrio emocional e garantindo um melhor processo de ensino-aprendizagem.

Diante do exposto, compreende-se o papel fundamental da escola pública no cuidado emocional das crianças, principalmente por ser um espaço onde elas vão todos os dias e que onde se trabalha com diversas realidades sociais. Nesse contexto, temos que dar mais atenção aos vários sentimentos que cada estudante possui, pois é indispensável essa construção de um ambiente escolar acolhedor, seguro, que respeite o diálogo, a escuta, que trabalhe em parceria com a gestão e a família. Reforçando que o cuidado emocional não se deve ser atribuído exclusivamente ao professor, mas também como uma responsabilidade institucional, que envolve múltiplos fatores, desde a gestão até a elaboração de projetos pedagógicos, a ausência.

2.3 A escuta e o acolhimento no contexto escolar.

Dando continuidade sobre a escola pública como espaço de cuidado emocional, a história social da criança denunciou, por muito tempo, processos de discriminação,

abandono, exploração e silenciamento das vozes infantis Ariès (1978). Atualmente, foram criadas várias leis que protegem nossas crianças, como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA - Lei nº 8.069/1990), que garante a proteção e os direitos das crianças, a Lei da Primeira Infância (13.257/2016), com foco em crianças de 0 a 6 anos, e a Lei da Escuta Protegida (13.431/2017), que combate a violência contra menores. Mas ainda precisamos progredir em escutar suas vozes, em acolhê-las e guiá-las, ressaltando a escola, essas práticas pedagógicas são essenciais para o bem-estar delas. Escutá-las implica em reconhecer suas vivências, seus sentimentos e seus medos, compreendendo que suas falas carregam bastante significados, alertando-as que não estão sozinhas e que reconhecemos suas experiências dentro e fora da sala.

O acolhimento, por sua vez, vem das atitudes que a escola e os educadores tomam durante o seu cotidiano, respeitando-as, criando um ambiente seguro, vendo que cada uma tem suas singularidades e valorizando suas emoções. Quando a escola adota essas abordagens, contribui para um ambiente seguro, fortalecendo assim a confiança da criança, esses aspectos são fundamentais para que a criança se sinta parte do espaço escolar e tenha um ótimo processo de aprendizagem.

Pressupomos que as crianças não têm voz ativa na sociedade, a partir daí devemos reconhecer que a criança deve ser mais escutada, que elas são sujeitos ativos e capazes, elas tem suas próprias histórias e cultura e não seres moldáveis, réplicas dos seus pais, segundo (Corsaro, 2011). No contexto escolar, as práticas pedagógicas têm que passar a valorizar a participação infantil, promovendo espaços de diálogos nos quais as crianças consigam demonstrar suas opiniões, sentimentos e sua compreensão sobre seu cotidiano escolar.

Segundo a Mielke *et al* (2024) a escuta é um dos pilares fundamentais das relações educativas, principalmente quando a escola é empenhada em formar as crianças integralmente. A educação que se deseja construir significa reconhecer que o diálogo não existe sem uma escuta verdadeira e respeitosa, a relação entre ambas se torna o elemento central na construção de práticas pedagógicas mais significativas. Freire (1987, p. 79-80) ele defende que o verdadeiro diálogo só acontece quando se tem respeito, para ele dialogar é reconhecer o outro como sujeito, capaz de pensar e transformar a realidade. Essa troca de saberes exige confiança e compromisso com outro. Freire (1996) destaca que a prática pedagógica deve ser repleta de amor, não

apenas em relação aos alunos, mas também com a sua prática pedagógica. Essa atitude reforçar o diálogo cria um ambiente onde o professor e estudante podem ser reconhecidos como sujeitos de afetos e conhecimento, pois para Freire a afetividade faz parte do processo de aprendizagem.

Assim, a partir do olhar de Freire (1996) sobre o diálogo, a escuta e o acolhimento no contexto escolar é um compromisso de todos os envolvidos na instituição escolar, Estado e comunidade. A escuta e o diálogo, como defende Freire (1996), desafia a escola com suas práticas ainda autoritárias e padronizadas, favorecendo que os alunos não se expressem, não dialoguem e se fechem para o diálogo. Ao assumir uma postura mais humanizada, o professor irá contribuir para um ambiente escolar acolhedor e sensível, confrontando os aspectos emocionais das crianças é fundamental para uma melhora significativa da saúde mental infantil.

2.4 O papel do professor frente à saúde mental das crianças

A saúde mental na infância é parte importante do desenvolvimento completo da criança, e o professor tem um papel fundamental nisso, pois convive diariamente com os alunos e pode notar os primeiros sinais de sofrimento emocional na sala de aula. Dados mundiais mostram que de 10% a 20% dos adolescentes sofrem com algum problema de saúde mental, e que esses problemas são responsáveis por 16% das doenças e lesões em jovens de 10 a 19 anos (Fundação Abrinq, 2021). De acordo com Ribas (2021), psicanalista da Prattein, as situações mais comuns nessa idade são a ansiedade, os distúrbios de comportamento, a hiperatividade e a depressão."

Diante do crescimento dos transtornos mentais entre crianças e adolescentes, a escola tem como função central a mediação do conhecimento, ela também é um espaço de convivência, socialização e aprendizado. Nesse contexto, é necessário compreender que o desenvolvimento emocional influencia diretamente no processo de aprendizagem, afetando a concentração, a motivação e a socialização do meio escolar. Além disso, o aumento desse sofrimento psíquico só impacta as escolas e reforça a responsabilidade da instituição em desenvolver práticas que promovam a permanência da criança. A ausência desse suporte emocional pode contribuir para dificuldades de aprendizagem ou até mesmo no afastamento escolar.

Para que esse acolhimento aconteça, é indispensável que os professores estejam preparados para identificar essas demandas emocionais. No entanto os professores precisam de formações continuadas, pois não recebem, em sua formação inicial, o preparo completo para essas situações envolvendo à saúde mental infantil. Essa lacuna pode gerar frustrações na hora de fornecer suporte a essas crianças, ao mesmo tempo que a ausência de uma equipe profissional das instituições agrava essa situação, dificultando intervenções mais eficazes. Nesse contexto, a importância de políticas públicas e programas de formação continuadas que auxiliem esses educadores para não ficarem tão perdidos nessas situações. A escola embora não substitua um psicólogo, pode atuar como espaço de escuta, acolhimento, contribuindo para o desenvolvimento integral dos alunos.

Diante desse cenário, o papel do professor é ser mediador atento e sensível, que vá buscar acolher essa criança, embora não lhe caiba assumir funções clínicas, é de responsabilidade do educador promover esse ambiente seguro, respeitoso e acolhedor. Ao desenvolver essa escuta ativa e empática, o professor contribui para a identificação desses sintomas de ansiedade, depressão e outros, assim ele reafirma seu compromisso com uma educação mais humana e inclusiva.

2.5 Formação docente e desafios no cuidado emocional infantil.

A formação docente é importante para que os professores sejam capazes de construir práticas pedagógicas capazes de responder às demandas exigidas nos últimos anos. Diante do crescimento dos assuntos relacionados à saúde mental infantil, torna-se indispensável refletir em como os cursos de formação continuada tem preparado os educadores a agir com cuidado nas situações que afetam o emocional das crianças.

Segundo (Fisher, 2011; Gomes e Quintão, 2011; Herman *et al.*, 2018; Jones *et al.*, 2013; Schussler *et al.*, 2016; Silveira *et al.*, 2014) o estresse dos professores gera efeitos negativos no dia a dia escolar e causa prejuízos na aprendizagem dos alunos, principalmente nas áreas com maior vulnerabilidade, esse esgotamento vivenciado pelos docentes tem impactos no cotidiano escolar. Quando ele se encontra emocionalmente sobrecarregado, a capacidade de se relacionar com os alunos positivamente pode ser comprometida, afetando o ensino-aprendizagem. Esses

sentimentos constantes de cansaço e pressão pode influenciar nas suas práticas pedagógicas e em como ele interage com os estudantes, resultando no distanciamento de ambas as partes.

Dessa forma, o sofrimento emocional do professor pode repercutir em toda a dinâmica escolar, por isso, discutir o cuidado emocional da criança implica também considerar o cuidado com o próprio professor.

A formação docente no Brasil segundo Amado *et al* (2016), Freire *et al* (2012) e Ribeiro, (2010) tem dado grande ênfase aos conteúdos teóricos, priorizando o desenvolvimento cognitivo e uma organização metodológica das aulas. Nesse contexto, as práticas emocionais e afetivas são deixadas de lado, o que pode afetar o professor quando for exigido no cotidiano escolar.

Diante dessa realidade, é fundamental investir em formações que trabalha o equilíbrio emocional do educador, como atividades voltadas à educação emocional, capaz de ampliar suas competências socioemocionais e oferecer o suporte adequado a crianças.

3 A METODOLOGIA DA PESQUISA E SEU DELINEAMENTO

A metodologia é a parte do trabalho que mostra o caminho escolhido para responder ao problema da pesquisa e alcançar os objetivos definidos. Nesta seção, são explicadas de forma detalhada todas as etapas da investigação, justificando as escolhas feitas para coletar e analisar as informações.

A seguir, serão apresentados o tipo de pesquisa, quem são as professoras participantes, qual instrumento foi utilizado para conseguir os dados e como esses dados foram analisados.

3.1 Tipo e abordagem de pesquisa

Esta investigação é classificada como uma pesquisa descritiva. De acordo com Gil (2008), esse tipo de estudo tem como objetivo principal descrever as características de um determinado grupo ou fenômeno, estabelecendo relações entre as variáveis sem a intenção de manipulá-las. No caso deste trabalho, essa escolha se justifica pela necessidade de olhar atentamente para o ambiente escolar e relatar, com riqueza de detalhes, a realidade da Educação Infantil. O foco, portanto, está em registrar a rotina,

os desafios e as vivências práticas que as professoras enfrentam no dia a dia da escola, dando voz a quem atua diretamente na ponta do processo educativo.

Em relação à forma de trabalhar os dados, o estudo utiliza a abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa não se preocupa com números ou estatísticas, mas sim em entender a fundo o que as pessoas pensam e sentem. Como afirma Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, dos motivos, dos valores e das atitudes das pessoas envolvidas, o que permite compreender melhor as relações humanas.

Assim, ao unir a pesquisa descritiva com a abordagem qualitativa, buscou-se ir além da simples observação dos fatos. Essa combinação permitiu não apenas mapear a rotina da Educação Infantil, mas também compreender de forma profunda a visão, as angústias e as experiências práticas das professoras sobre o tema estudado.

3.2 Participantes da pesquisa

As participantes desta pesquisa foram três professoras que atuam na Educação Infantil. A escolha por esse grupo de profissionais aconteceu porque elas trabalham diretamente com as crianças na primeira infância e conhecem de perto a rotina, os desafios e as necessidades do ambiente escolar. Para proteger a identidade dessas educadoras e cumprir as regras éticas exigidas na pesquisa científica, foram utilizados os pseudônimos de Professora Carinho, Professora Conforto e Professora Empatia. A escolha desses nomes fictícios não foi feita ao acaso, pois cada um deles está diretamente ligado ao tema central deste trabalho, que discute o desenvolvimento socioemocional e a saúde mental na infância.

A ligação desses pseudônimos com as metas propostas nesta investigação se estabelece a partir de conexões temáticas bem definidas para cada participante. A Professora Carinho representa a dimensão do afeto e dos laços de confiança, elementos fundamentais na Educação Infantil para que a criança se sinta segura e desenvolva sua autoestima. Esse nome combina com o objetivo de entender como as professoras usam o afeto no dia a dia para ajudar na saúde mental dos alunos. Por sua vez, a Professora Conforto tem a ver com a criação de um ambiente acolhedor, onde a criança se sinta protegida e consiga lidar com suas emoções em momentos difíceis. Esse nome se liga ao objetivo de analisar quais estratégias as professoras usam para garantir o bem-estar emocional na sala de aula. Por fim, a Professora

Empatia representa a capacidade de se colocar no lugar do outro para entender seus sentimentos, uma habilidade que deve guiar a postura de todo educador. O nome dela reforça o objetivo de discutir a formação dos professores, mostrando que uma prática empática exige sensibilidade e estudo constante.

Portanto, a escolha desses pseudônimos vai além da proteção de identidade, pois funciona como um recurso que humaniza a apresentação dos dados e resgata, a todo momento, os conceitos teóricos que sustentam este trabalho. Com o perfil e as identidades das participantes bem definidos, o próximo passo é apresentar as ferramentas utilizadas para ouvir o que essas docentes têm a dizer, o que nos leva ao detalhamento do instrumento de produção de dados a seguir.

3.3 Instrumento de produção dos dados

O instrumento escolhido para coletar as informações necessárias para esta investigação foi o questionário, o qual foi estruturado em duas partes estratégicas para melhor organizar as informações recebidas. A primeira seção contou com quatro questões objetivas, focadas em descobrir o perfil identitário e profissional das participantes, abordando elementos como o tempo de serviço na área, a idade dos alunos com quem trabalham, a formação acadêmica máxima e o acesso anterior a cursos sobre desenvolvimento socioemocional. Já a segunda seção foi composta por cinco questões subjetivas com perguntas abertas, espaço no qual as professoras puderam escrever livremente e relatar suas reais experiências, opiniões e desafios cotidianos sobre a saúde mental e o cuidado com as emoções na infância.

3.4 Análise dos dados

Para entender e organizar as respostas escritas pelas professoras, foi utilizada a Análise de Conteúdo, baseada nos pressupostos de Bardin (2011). Segundo a autora, a análise de conteúdo ajuda a examinar as mensagens e os discursos de forma organizada e objetiva (Bardin, 2011).

Na prática, as respostas das cinco perguntas abertas da segunda seção do questionário foram divididas em categorias de análise. Ao organizar as falas das professoras nessas categorias, ficou mais fácil identificar onde as opiniões delas combinam ou se diferenciam, permitindo uma discussão rica e diretamente ligada aos objetivos da pesquisa.

4 A ESCUTA E ACOLHIMENTO NA ESCOLA PÚBLICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A SAÚDE MENTAL INFANTIL: O DESVELAR DA PESQUISA

Os dados obtidos nesta pesquisa ajudam a compreender a importância da escuta e do acolhimento para as crianças da Educação Infantil nas escolas públicas, mostrando como essas práticas contribuem para a saúde mental delas. Participaram do estudo 3 professoras que atuam nessa etapa de ensino. Para proteger a identidade de cada uma, elas serão chamadas pelos pseudônimos de Professora Carinho, Professora Empatia e Professora Conforto durante a apresentação dos resultados. Para alcançar um resultado mais completo, o questionário aplicado contou com 9 perguntas, divididas em duas partes: a primeira abordou o perfil profissional, com 4 questões objetivas, e a segunda trouxe a abordagem acerca da temática do estudo, com 5 perguntas abertas. É nessa segunda parte que estão os relatos e as experiências reais das professoras no dia a dia da sala de aula.

4.1 Análise do perfil identitário e formativo das participantes

A primeira parte do questionário teve o objetivo de conhecer o perfil das professoras participantes (Professoras Carinho, Conforto e Empatia), investigando o tempo de serviço na Educação Infantil, a faixa etária com que trabalham, a formação acadêmica e o acesso a cursos sobre desenvolvimento socioemocional.

Em relação ao tempo de experiência na Educação Infantil, os dados mostram um grupo com bastante bagagem, mas em momentos diferentes da carreira. As professoras Conforto e Empatia são profissionais experientes, com mais de 20 anos de docência. Já a professora Carinho possui um tempo intermediário de atuação, entre 6 e 10 anos. Essa diferença é muito positiva para a pesquisa, pois permite somar os olhares de quem já vivenciou muitas mudanças na educação com a visão de quem tem uma trajetória mais recente.

No que diz respeito à faixa etária dos alunos, há uma concentração na Pré-escola (crianças de 4 e 5 anos), que é o público atendido pelas professoras Carinho e Empatia. Por outro lado, a professora Conforto atua em ambos os públicos, atendendo tanto a Creche quanto a Pré-escola. Essa diversidade é importante porque

garante que a pesquisa englobe as diferentes realidades e necessidades das crianças de zero a cinco anos.

Quanto à formação acadêmica, todas as participantes cumprem os requisitos legais para atuar na área e mostram preocupação com os estudos. A professora Conforto possui Licenciatura em Pedagogia, enquanto as professoras Carinho e Empatia foram além e concluíram uma Pós-graduação. Esse alto nível de escolaridade do grupo indica uma maior facilidade para refletir criticamente sobre a prática em sala de aula e buscar melhorias no ensino.

Por fim, ao investigar a participação em formações continuadas sobre desenvolvimento socioemocional ou saúde mental na infância, os resultados revelaram uma realidade desigual. Cada professora teve uma experiência diferente: a professora Carinho realizou o curso através de uma oportunidade oferecida pela rede pública; a professora Conforto fez a formação por conta própria, investindo seu próprio dinheiro; e a professora Empatia relatou que nunca teve acesso a cursos com esse tema específico.

Esses dados deixam claro que, embora o cuidado com o lado socioemocional seja fundamental na Educação Infantil, a preparação dos professores para lidar com isso ainda é muito desorganizada. Fica evidente a necessidade de que as redes de ensino ofereçam mais cursos gratuitos e universais sobre essa temática, para que o preparo do professor não dependa apenas de sorte ou de esforço financeiro próprio.

QUADRO 1 – SÍNTESE DO PERFIL IDENTITÁRIO E FORMATIVO DAS DOCENTES COLABORADORAS

Docente (Pseudônimo)	Tempo de Atuação na Educação Infantil	Faixa Etária que atua predominantemente na EI	Formação Acadêmica Máxima Concluída	Acesso à Formação Continuada (Socioemocional / Saúde Mental)
Professora Carinho	De 6 a 10 anos (<i>Trajetória Intermediária</i>)	Pré-escola (Crianças de 4 e 5 anos)	Pós-graduação (Especialização)	Sim, por meio de formação oferecida pela rede pública de ensino.
Professora Conforto	Mais de 20 anos (<i>Ampla Experiência</i>)	Ambos os públicos (Creche e Pré-escola)	Graduação (Licenciatura em Pedagogia)	Sim, por iniciativa particular e investimento financeiro próprio.

Professora Empatia	Mais de 20 anos (<i>Ampla Experiência</i>)	Pré-escola (Crianças de 4 e 5 anos)	Pós-graduação (Especialização)	Não, nunca teve acesso a cursos com essa temática específica.
-------------------------------	--	---	-----------------------------------	--

Fonte: Elaborado pela autora (2026)

Os dados do quadro demonstram que as professoras participantes unem ampla experiência prática à busca por qualificação. Essa diversidade de trajetórias enriquece a pesquisa por trazer diferentes visões sobre o cotidiano escolar. Por outro lado, as respostas revelam desigualdades no acesso à formação continuada sobre saúde mental infantil, evidenciando a falta de investimentos públicos nessa área. Com o perfil do grupo traçado, encerra-se esta caracterização inicial para dar início à análise detalhada das respostas subjetivas.

4.2 Análise e discussão das questões subjetivas: o olhar das docentes sobre o desenvolvimento socioemocional

Depois de conhecer o perfil e a formação das professoras, este capítulo vai focar em entender como é a realidade delas no dia a dia da sala de aula. Para isso, foram analisadas as respostas da Seção 2 do questionário, que trouxe cinco perguntas abertas. O grande objetivo desta etapa foi dar voz às educadoras, permitindo que elas contassem livremente suas opiniões, os desafios que enfrentam na rotina escolar e as estratégias que utilizam para cuidar da saúde mental e do bem-estar emocional das crianças na Educação Infantil.

Para entender melhor os relatos, as respostas foram organizadas por categorias de análise, juntando os pontos mais comentados pelas professoras. Vale ressaltar que as falas das participantes da pesquisa são apresentadas detalhadamente e conversam com as ideias de outros autores da área. O objetivo desse debate é compreender de perto as dificuldades e as possibilidades de trabalhar com as emoções na primeira infância, respondendo ao que a pesquisa se propôs a descobrir.

4.2.1 O papel da professora diante das manifestações emocionais das crianças pequenas na escola

Na Educação Infantil, o papel do professor vai muito além de apenas ensinar conteúdos acadêmicos. Este é um assunto bastante debatido, pois o educador acaba se tornando responsável por acompanhar as emoções das crianças, suas vivências, suas formas de expressão e seus desafios diários. Nesse sentido, atitudes como escutar, acolher e observar passam a ser fundamentais na rotina da escola. Muitas vezes, as necessidades dos alunos surgem em formato de choro, mudanças no comportamento ou na maneira como a criança interage com os outros. Assim, o professor precisa considerar as singularidades de cada aluno, respeitando seus limites e criando um lugar seguro para que a criança possa ser ela mesma.

No campo teórico, Murray (1967) debate que as emoções fazem parte do desenvolvimento integrado da criança, sendo a maneira como ela percebe o mundo e se relaciona com o ambiente ao seu redor. Na Educação Infantil, é fundamental compreender essas emoções, pois elas estão presentes no comportamento infantil, nas interações e nas próprias atividades escolares, como nos desenhos e nas pinturas. Desse modo, reconhecer o valor dos sentimentos contribui para a construção de uma pedagogia mais sensível e respeitosa com a infância.

Ao serem questionadas sobre como compreendem o seu papel diante de manifestações emocionais como choro excessivo, agressividade, isolamento e medo, as docentes destacaram as seguintes percepções:

Professora Carinho: A professora tem um papel fundamental no acolhimento e na compreensão das emoções das crianças. É importante observar, escutar e identificar as necessidades emocionais de cada uma, oferecendo apoio, segurança e afeto. Além disso, deve promover um ambiente de respeito e confiança, ajudando a criança a expressar seus sentimentos de forma saudável.

Professora Conforto: O papel da professora diante dessas manifestações emocionais deve ser de acolhimento, mediação e educativo.

Professora Empatia: Essas manifestações são a forma que a criança encontra para expressar-se no novo ambiente ao qual foi inserido. Cabe a professora acolher, observar e mediar os conflitos, ensinando meios para se expressarem.

Os relatos deixam claro que as professoras veem essas manifestações como formas de comunicação das crianças. Elas reforçam que, para criar um ambiente

acolhedor e seguro, é preciso mediar os conflitos e trazer atividades interativas para que as crianças se sintam escutadas e aceitas no ambiente escolar. As docentes explicam que é papel da profissional identificar essas necessidades para saber como agir com os alunos, oferecendo apoio e um espaço onde a criança seja livre para sentir, interagir, observar e confiar na escola.

A escola não é um ambiente isolado, mas sim um espaço que reflete diretamente a bagagem social que o aluno carrega consigo. Essa visão dialoga com Costantino (2003), ao apontar que as crianças reproduzem na escola as vivências que trazem de fora da sala de aula. O ambiente familiar e social em que a criança vive é constantemente observado e absorvido por ela, que acaba externalizando essas diferentes realidades no cotidiano escolar durante os momentos de socialização com os colegas e professores. O autor afirma ainda que, por meio das emoções despertadas por essas vivências, as crianças constroem um mundo para si, transformando aquilo que sentem em sua própria realidade e modo de agir no ambiente educativo.

4.2.2 As práticas de escuta e acolhimento corporal e afetivo no cotidiano das aulas

Para construir um ambiente escolar verdadeiramente acolhedor, afetivo e humano, as práticas de escuta e de acolhimento são indispensáveis para o pleno desenvolvimento da criança. Nesse contexto, quando a criança está falando ou se expressando de alguma maneira, não basta apenas olhar sem fazer nada. É preciso perceber os comportamentos, os gestos e até mesmo os momentos em que ela fica em silêncio, pois todos esses elementos são formas de comunicação diferentes entre a criança e a professora.

Uma das ferramentas mais utilizadas no dia a dia para ajudar a criança a se expressar é o desenho. Santana (2010) destaca que o ato de desenhar aciona muito o imaginário infantil, envolvendo o pensar e o imaginar. Por meio do desenho, a criança entra em seu próprio mundo e externaliza tudo o que está pensando, aprendeu ou observou. Portanto, a arte no espaço escolar não se resume a meros traços no papel, mas carrega toda uma bagagem que o aluno expõe para compartilhar com a professora. Diante disso, cabe à docente conversar com a criança sobre suas criações ou manter a atenção redobrada nos detalhes visuais quando o aluno prefere não falar.

Quando perguntadas sobre a maneira como as práticas de escuta e de acolhimento corporal ou afetivo são inseridas na rotina das aulas, as docentes mostraram que essa ação acontece de forma constante:

Professora Carinho: As práticas de escuta e acolhimento acontecem diariamente, especialmente nos momentos de acolhida, nas rodas de conversa, durante as brincadeiras e em situações que exigem atenção individual. Procuro ouvir as crianças com atenção, respeitar seus sentimentos, oferecer carinho quando necessário e incentivar que expressem suas emoções por meio da fala, do brincar e das interações com os colegas.

Professora Conforto: Essas práticas fazem parte de todos os momentos da rotina, pois a escuta e o acolhimento não são atividades separadas, mas uma forma de estar mais próximas das crianças.

Professora Empatia: Geralmente na hora da acolhida, quando a criança chega chorando, faço a escuta e sondagem através de perguntas de como se sentem, o que fizeram, etc.

As respostas das participantes revelam que a escuta e o acolhimento acompanham todas as atividades propostas pelas docentes de maneira contínua na rotina delas. Elas destacam que essas práticas estão presentes desde a recepção dos alunos na entrada até os momentos de brincadeiras, atividades e conversas.

Esse posicionamento caminha junto com as ideias de Nunes (2009), que enfatiza que o educador não ensina apenas conteúdos programáticos. A forma como o profissional trata os estudantes influencia diretamente no desenvolvimento deles. Assim, o simples ato de acolher o aluno na entrada da sala transmite segurança, ajudando a criança a ter forças e a se sentir bem no espaço escolar, o que torna a relação entre professor e aluno muito mais fácil de se desenvolver.

4.2.3 A influência de um ambiente acolhedor e seguro no desenvolvimento, na autonomia e na adaptação infantil

A importância de garantir um ambiente seguro e acolhedor está diretamente ligada a uma aprendizagem que mexe com vários lados da criança, como o emocional, o social e o afetivo. Quando o aluno se sente valorizado, respeitado e ouvido no espaço escolar, ele sente mais vontade de participar das atividades, das brincadeiras e da socialização com os colegas. Esse bem-estar ajuda muito no desenvolvimento,

pois a criança perde o medo de interagir com as outras pessoas e com a própria professora.

Nessa linha, Mello e Rúbio (2013) explicam que, para existir qualidade no ensino, a afetividade precisa estar no dia a dia da escola através de um vínculo de carinho e confiança entre os alunos e o professor. As crianças percebem quando não são bem-vindas no lugar onde estão, por isso, gestos de carinho, amor e empatia fortalecem a ligação delas com a escola. Como o espaço escolar é muito importante, ter uma sala de aula com uma estrutura adequada também é um ponto essencial.

Quando o aluno chega e encontra uma sala organizada, com atividades que estimulam o pensamento e a curiosidade, isso funciona como um incentivo para que ele se sinta acolhido e feliz no lugar onde vai estar todos os dias.

Ao serem perguntadas sobre como esse ambiente seguro mexe com o desenvolvimento, com a autonomia e com a adaptação, as docentes trouxeram as seguintes percepções:

Professora Carinho: Um ambiente acolhedor e emocionalmente seguro favorece o desenvolvimento integral da criança, pois ela se sente confiante para explorar, aprender e interagir. Isso contribui para a construção da autonomia, fortalece a autoestima e facilita sua adaptação à rotina escolar, promovendo relações mais saudáveis e significativas.

Professora Conforto: Esse ambiente é fundamental para o desenvolvimento integral. Quando a criança se sente aceita e protegida, ela ganha confiança para explorar, brincar e aprender. Essa segurança favorece a autonomia, ela se sente à vontade para fazer escolhas.

Professora Empatia: Interfere dando segurança e confiança, favorecendo o desenvolvimento integral, estimula a autonomia e torna a adaptação mais tranquila.

As respostas das participantes reforçam que o acolhimento e a segurança emocional são essenciais na Educação Infantil. Elas destacam que, com esse cuidado, os alunos ficam mais confiantes, abertos a novas experiências e socializam melhor, o que é fundamental para que comecem a criar autonomia e tenham um aprendizado que faça sentido. Esse entendimento combina com o que apontam Mello e Rúbio (2019), ao defenderem que uma aula de qualidade exige que gestos de amor, afeto e atenção façam parte da rotina. Sem isso, as crianças ficariam presas a rotinas marcadas apenas por tarefas tradicionais e conteúdos sem nenhuma profundidade emocional, quando na verdade elas precisam ser reconhecidas e valorizadas.

4.2.4 Desafios entre a escuta sensível e a sobrecarga da rotina na escola pública

Na realidade da escola pública, a escuta sensível muitas vezes se torna um grande desafio por causa da sobrecarga de trabalho e do acúmulo de cobranças pedagógicas e emocionais. O professor precisa se desdobrar para conciliar as aulas com o atendimento às necessidades de afeto das crianças, uma tarefa que exige muita paciência e tempo. Essa prática fica ainda mais difícil quando a rotina da professora é marcada por turmas cheias, com mais de 25 alunos, faltas frequentes das crianças sem justificativa dos pais e excesso de cobranças por parte da instituição. Mesmo diante dessas barreiras, a escuta atenta é muito importante para fortalecer o vínculo entre o aluno e o professor, tornando a escola um lugar mais humano.

Sobre essa troca, Freire (2005) defende uma educação baseada no diálogo de igual para igual. Isso significa que o professor deve escutar os alunos e valorizar o que eles sentem, construindo uma troca de conhecimentos que ajuda a transformar a educação. Pensando nisso, buscou-se compreender quais são os principais desafios encontrados pelas participantes para realizar essa escuta e, ao mesmo tempo, lidar com o estresse da rotina na escola pública, e elas relataram o seguinte:

Professora Carinho: Os principais desafios estão relacionados ao grande número de crianças por turma, à demanda de atividades pedagógicas e burocráticas e à falta de tempo para atender individualmente cada aluno. Apesar dessas dificuldades, busco manter uma postura acolhedora e sensível, reconhecendo a importância da escuta para o bem-estar e o desenvolvimento das crianças.

Professora Conforto: Os principais desafios são o pouco tempo para escutar cada criança com calma, rotina muito cheia e atividades excessivas, estresse e sobrecarga de trabalho, número elevado de alunos por turma, falta de materiais e apoio, além de demandas burocráticas que tomam o tempo do cuidado. Para lidar com isso, organizamos pequenos momentos diários de escuta, como rodinhas e conversas individuais.

Professora Empatia: Os maiores desafios são: turmas numerosas, acúmulo de funções, falta de estrutura e espaços para poder fazer estes momentos de escuta e acolhimento.

Os relatos das participantes deixam claro que todas concordam com a importância da escuta sensível, mas acham que o cotidiano cansativo atrapalha a aplicação prática desses métodos. A superlotação das salas e o excesso de papéis

para preencher geram falta de tempo e impedem um contato mais próximo, além de faltarem espaços adequados nas escolas.

Essas falas combinam com o que dizem Loffler e Fleg (2019), ao explicarem que o professor nem sempre consegue dar atenção para todos, pois a rotina da Educação Infantil é cheia de demandas. Como algumas crianças exigem mais atenção que outras em certos momentos, fica difícil administrar o tempo para conversar com todos. Apesar de tudo, as professoras deixam claro que fazem o melhor possível, usando as rodas de conversa e dinâmicas interativas para manter o diálogo com os alunos.

4.2.5 Avaliação da formação docente e o apoio da gestão escolar na saúde mental

A formação dos professores e o apoio recebido pela gestão da escola são dois pontos fundamentais para que as demandas de saúde mental infantil sejam atendidas com qualidade. A formação continuada é de extrema importância para que os educadores consigam reconhecer os sinais de sofrimento emocional nas crianças e criar estratégias que as façam se sentir amparadas e acolhidas, fortalecendo a relação entre professor e aluno.

Para ajudar a melhorar esse cenário, Vieira, Ramos e Rosário (2016) sugerem caminhos práticos para a realização dessas formações. Os autores propõem a oferta de materiais de apoio voltados para as situações reais do dia a dia da escola, o acompanhamento por profissionais especializados (como psicólogos e psicopedagogos) e o uso de cursos a distância, permitindo que os professores acessem capacitações gratuitas de forma mais fácil. Ao avaliar como as participantes veem a formação inicial e continuada que receberam para mediar esses conflitos, bem como o amparo da gestão, as respostas destacaram as seguintes realidades:

Professora Carinho: A formação inicial que recebi na faculdade foi muito fraca no que diz respeito ao lado emocional, focando quase sempre em métodos de ensino de conteúdo. O pouco que aprendi veio de cursos oferecidos depois pela rede pública, mas a gestão da escola ainda tem dificuldades na hora de dar um suporte real em casos mais sérios.

Professora Conforto: Nunca tive esse preparo na minha formação básica e, por isso, precisei pagar cursos por conta própria para saber como agir. A escola cobra muito o cumprimento das metas, mas ajuda pouco quando surge um problema de saúde mental na sala de aula.

Professora Empatia: Nunca tive acesso a nenhuma formação com esse tema e, quando preciso de ajuda com alguma criança em sofrimento, a gestão escolar também não sabe como orientar ou encaminhar o caso por falta de uma rede de apoio estruturada.

Diante dos depoimentos das participantes, fica claro que a preparação para lidar com conflitos emocionais na infância ainda é uma grande lacuna na carreira docente. As respostas revelam que tanto as licenciaturas quanto as formações continuadas focam excessivamente nos conteúdos pedagógicos, deixando o lado emocional em segundo plano. Essa dificuldade é confirmada por Vinha (2003), ao apontar que a escola tradicionalmente se preocupa com o aprendizado das disciplinas, mas oferece pouca preparação para o educador lidar com os sentimentos e conflitos do dia a dia. Sem o apoio da gestão escolar e de profissionais especializados, como psicólogos ou psicopedagogos, as professoras enfrentam essa realidade sozinhas e sobrecarregadas. Esse cenário evidencia a urgência de mais investimentos nas escolas públicas, voltados tanto para a capacitação em saúde emocional quanto para a criação de redes de apoio multiprofissionais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou compreender a fundo a importância das práticas de escuta e acolhimento na Educação Infantil da rede pública de ensino, analisando de forma detalhada o papel fundamental que o professor desempenha diante das necessidades emocionais das crianças pequenas. A partir dos dados coletados e analisados, os resultados alcançados mostram que essas ações não são apenas complementares, mas ferramentas essenciais para construir um ambiente escolar seguro, afetivo e propício para o aprendizado. Ficou evidente que o bem-estar emocional na primeira infância é a base para o desenvolvimento de todas as outras habilidades sociais, motoras e cognitivas. Quando a criança encontra um espaço escolar humanizado, sensível e atento às suas dores, medos e descobertas, ela se adapta com muito mais facilidade à rotina escolar, permanece na instituição com alegria e cria laços mais fortes e saudáveis de confiança com o professor.

Por meio da imersão nos relatos das docentes colaboradoras, foi possível perceber que elas reconhecem e valorizam o impacto de uma escuta sensível no dia a dia da sala de aula. Mesmo enfrentando uma realidade muitas vezes desfavorável marcada por rotinas exaustivas, salas de aula superlotadas com mais de 25 alunos e

uma carga excessiva de cobranças burocráticas, as professoras fazem questão de buscar brechas no tempo para garantir momentos de conversa, brincadeiras integradoras e diálogos individualizados com seus alunos.

No entanto, o estudo também revelou um dado preocupante: o professor não pode e não deve atuar sozinho. O cuidado com a saúde mental e o equilíbrio socioemocional na infância exigem uma rede de responsabilidade compartilhada, que necessita da parceria constante e verdadeira entre a equipe pedagógica da escola, as famílias, os profissionais especializados (como psicólogos e psicopedagogos) e as redes de apoio socioassistenciais da comunidade.

Diante desse cenário, a presente pesquisa acende um alerta urgente para a necessidade de maiores investimentos públicos na valorização do magistério e na melhoria estrutural das condições de trabalho nas escolas públicas infantis. Os dados analisados reforçam que a escuta atenta e o acolhimento corporal e afetivo não devem ser entendidos como momentos isolados ou que acontecem apenas de vez em quando na rotina escolar, mas sim como pilares fixos da proposta pedagógica diária. Para que essa transformação aconteça na prática do chão da escola, torna-se indispensável reformular os currículos de formação inicial nas faculdades, bem como expandir as ofertas de formação continuada oferecidas pelas redes de ensino.

Os professores precisam ter acesso a cursos específicos, práticos e gratuitos que lhes deem segurança teórica e sensibilidade metodológica para mediar os conflitos emocionais na infância, contando sempre com o suporte ativo e o amparo da gestão escolar.

Por fim, espera-se que este estudo contribua significativamente para ampliar os debates acadêmicos e sociais sobre a urgência de uma Educação Infantil mais humana e acolhedora. Longe de esgotar o tema, esta pesquisa pretende incentivar novas investigações científicas que envolvam diferentes realidades escolares, outras redes de ensino e as perspectivas de outros profissionais que atuam no cotidiano da primeira infância.

Escutar, acolher e respeitar o que as crianças sentem e expressam vai muito além do simples ato de cuidar: trata-se da garantia de um direito fundamental da infância. Promover uma pedagogia baseada no respeito, na empatia e no afeto é o único caminho possível para construir uma escola pública que valorize as diferenças,

proteja a saúde mental e assegure um desenvolvimento pleno, saudável e feliz para todas as crianças.

REFERÊNCIAS

AMADO, J.; FREIRE, I.; CARVALHO, E.; ANDRÉ, M. J. O lugar da afectividade na Relação Pedagógica: contributos para a formação de professores. **Sísifo**, n. 8, p. 7586, 2016.

AMSTALDEN, A. L. F.; HOFFMANN, M. C. C. L.; MONTEIRO, T. P. M. M. A política de saúde mental infanto-juvenil: seus percursos e desafios. *In*: LAURIDSEN RIBEIRO, E.; TANAKA, O. Y. (org.). **Atenção em Saúde Mental para crianças e adolescentes no SUS**. São Paulo: Hucitec, 2010.

ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1990.

CID, M. F. B.; GASPARINI, D. A. Ações de promoção à saúde mental infantil no contexto escolar: um estudo de revisão. **Revista Faculdade Santo Agostinho**, v. 13, n. 1, p. 97-114, 2016.

CONSTANTINO, E. P. *et al.* **Um olhar da psicologia sobre a educação: diagnóstico e intervenção na infância e na adolescência**. São Paulo: Arte e Ciência, 2003.

CORSARO, W. A. **Sociologia da Infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FISHER, M. H. Factors Influencing Stress, Burnout, and Retention of Secondary Teachers. **Current Issues in Education**, v. 14, n. 1, 2011.

FREIRE, I.; BAHIA, S.; ESTRELA, M. T.; AMARAL, A. A dimensão emocional da docência: contributo para a formação de professores. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, v. 46, n. 2, p. 151-171, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FUNDAÇÃO ABRINQ. **Saúde mental na infância e adolescência**. São Paulo: Fundação Abrinq, [2021].

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional**: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

GOMES, A. P. R.; QUINTÃO, S. D. R. Burnout, satisfação com a vida, depressão e carga horária em professores. **Análise Psicológica**, v. 29, n. 2, p. 335-344, 2011.

HERMAN, K. C.; HICKMON-ROSA, J. E.; REINKE, W. M. Empirically derived profiles of teacher stress, burnout, self-efficacy, and coping and associated student outcomes. **Journal of Positive Behavior Interventions**, v. 20, n. 2, p. 90-100, 2018.

INSTITUTO PENSI. **A importância da saúde mental nas escolas**: dicas para pais, cuidadores e educadores. São Paulo, 26 nov. 2024.

JONES, S. M.; BOUFFARD, S. M.; WEISSBOURD, R. Educators' social and emotional skills vital to learning. **Phi Delta Kappan**, v. 94, n. 8, p. 62-65, 2013.

KARIMZADEH, M.; GOODARZI, A.; REZAEI, S. The effect of social emotional skills training to enhance general health & emotional intelligence in the primary teachers. **Procedia – Social and Behavioral Sciences**, v. 46, p. 57-64, 2012.

LIPP, M. E. N.; ARANTES, J. P.; BRITO, M. S.; WITZIG, T. O estresse em escolares. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 6, n. 1, p. 31-36, 2002.

LOFFLER, D.; FLEIG, M. T. Entre adultos e crianças: o(s) processo(s) de escuta na UEIIA. In: CANCIAN, V. A.; GOELZER, J.; BELING, V. J. **Práticas formativas e pedagógicas na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo – UFSM**. 1. ed. 2019.

MELLO, T.; RUBIO, J. A importância da afetividade na relação professor/aluno no processo de ensino/aprendizagem na Educação Infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, 2013.

MIELKE, T. S.; COSTA, D. M.; UCZAK, L. H. Escuta-diálogo em Freire: ainda um desafio para a escola? **Quaestio – Revista de Estudos em Educação**, Sorocaba, v. 26, e024012, 2024.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MURRAY, E. I. **Motivação e emoção**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

NEUROCONNECTE. **A NeuroConecte**. São Paulo, 2023.

NUNES, V. **O papel das emoções na educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

RIBEIRO, M. L. A afetividade na relação educativa. **Estudos de Psicologia** (Campinas), v. 27, n. 3, p. 403-412, 2010.

RICHARDS, J. Teacher stress and coping strategies: a national snapshot. **Educational Forum**, v. 76, n. 3, p. 299-316, 2012.

ROGERS, C. R. **Tornar-se pessoa**: uma abordagem centrada na pessoa. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

SANTANA, J. J. S. **Você sabe desenhar?**: o desenho da criança e a relação com o desenvolvimento cognitivo. Salvador, 2010.

SANTOS, N. Educação em saúde mental na escola. **Educação e Sociedade Moderna Narrativas Científicas**, v. 3, n. 11, p. 24-34, 2023.

SCHUSSLER, D. L.; JENNINGS, P. A.; SHARP, J. E.; FRANK, J. L. Improving teacher awareness and well-being through CARE: a qualitative analysis of the underlying mechanisms. **Mindfulness**, v. 7, n. 1, p. 130-142, 2016.

SILVEIRA, K. A.; ENUMO, S. R. F.; PAULA, K. M. P.; BATISTA, E. P. Estresse e enfrentamento em professores: uma análise da literatura. **Educação em Revista**, v. 30, n. 4, 2014.

VIEIRA, T. B.; RAMOS, F. A. C.; ROSÁRIO, M. C. Processos educativos em saúde mental de crianças e adolescentes. In: LAURIDSEN-RIBEIRO, E.; LYKOUROPOULOS, C. B. (org.). **O Capsi e o Desafio da gestão em rede**. São Paulo: Hucitec, 2016.

VINHA, T. P. **O educador em crise**: o desenvolvimento da autonomia em questão. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

APÊNDICE

Prezada Professora,

Convidamos você a responder este questionário da pesquisa de TCC "**A IMPORTÂNCIA DA ESCUTA E ACOLHIMENTO NA ESCOLA PÚBLICA: O PAPEL DO PROFESSOR FRENTE À SAÚDE MENTAL INFANTIL**", da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). O objetivo deste estudo é compreender as práticas e percepções das docentes da Educação Infantil sobre o acolhimento emocional das crianças na rede pública.

Suas respostas são **estritamente anônimas** e os dados serão usados apenas para fins acadêmicos. Sua experiência é fundamental para o sucesso deste trabalho. Agradecemos imensamente pela sua colaboração!

PARTE 1: PERFIL PROFISSIONAL

1. Há quanto tempo você atua na docência especificamente na Educação Infantil?

- ☐ Menos de 2 anos
- ☐ De 2 a 5 anos
- ☐ De 6 a 10 anos
- ☐ De 11 a 20 anos
- ☐ Mais de 20 anos

2. Com qual faixa etária você trabalha predominantemente na Educação Infantil atualmente?

- ☐ Creche (Bebês e crianças bem pequenas - 0 a 3 anos) • ☐ Pré-escola (Crianças pequenas - 4 e 5 anos)
- ☐ Ambos os públicos.

3. Qual é a sua formação acadêmica máxima concluída?

- ☐ Magistério / Normal Médio
- ☐ Licenciatura em Pedagogia
- ☐ Outra Licenciatura
- ☐ Pós-graduação (Especialização, Mestrado ou Doutorado).

4. Você já participou de alguma formação continuada voltada ao desenvolvimento socioemocional ou saúde mental na primeiríssima/primeira infância?

- ☐ Sim, oferecida pela rede pública de ensino.
- ☐ Sim, por iniciativa e investimento próprio.
- ☐ Não, nunca tive acesso a formações com esse foco específico.

PARTE 2: ABORDAGEM ACERCA DA TEMÁTICA DO ESTUDO

1. Como você compreende o papel da professora da Educação Infantil diante das manifestações emocionais (choro excessivo, agressividade, isolamento, medo) das crianças pequenas na escola?

2. De que maneira as práticas de escuta e acolhimento corporal/afetivo são inseridas no cotidiano das suas aulas (na hora da acolhida, nas rodinhas de conversa, no brincar ou no momento do descanso)?

3. Em sua percepção, como um ambiente escolar acolhedor e seguro emocionalmente interfere no desenvolvimento integral, na autonomia e na adaptação da criança na Educação Infantil?

4. Quais são os principais desafios encontrados para realizar uma escuta sensível das crianças e, ao mesmo tempo, lidar com o estresse e a sobrecarga que a rotina na escola pública impõe a você, professora?

5. Como você avalia a formação que recebeu para mediar conflitos emocionais na infância e como a gestão da escola (e as redes de apoio) colaboram com você diante de casos que demandam atenção à saúde mental infantil?
